



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA - DEPARTAMENTO DE  
PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO - PED**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

---

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA  
CLÍNICA E INSTITUCIONAL  
TURMA IX  
(2010/2011)**

**Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero**

**TRABALHO FINAL DE CURSO**

**Apresentado por: Christiane Fernandes Diniz**

**Orientado por: Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino**

**BRASÍLIA, 2011**

**SUPERVISÃO PSICOPEDAGÓGICA EM ATENDIMENTO  
PARTICULAR A ALUNA QUE APRESENTA DISLEXIA E  
ALTERAÇÃO NO PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL: UM  
ESTUDO DE CASO**

**Apresentado por: Christiane Fernandes Diniz**

**Orientado por: Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino**

## Sumário

1. Colocação do problema .....	p. 4
2. Fundamentação teórica .....	p. 5
2.1. Psicopedagogia.....	p. 5
2.2. Processo de aprendizagem a partir da abordagem de Vygotsky.....	p. 6
2.3. Processamento Auditivo Central.....	p. 7
2.4. Dislexia .....	p. 9
3. Método de Intervenção .....	p. 11
3.1. Metodologia Qualitativa .....	p. 11
3.2. A Filhos – Educação e Aulas.....	p. 11
3.3. Participante e Instituição .....	p. 12
3.4. Procedimentos adotados .....	p.13
4. A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica às sessões de intervenção ...	p. 14
4.1. Avaliação Psicopedagógica .....	p. 14
4.1.1. Sessão de avaliação psicopedagógica 1 .....	p. 14
4. 1.2. Sessão de avaliação psicopedagógica 2 .....	p. 15
4.1.3. Sessão de avaliação psicopedagógica 3 .....	p. 16
4.1.4. Sessão de avaliação psicopedagógica 4 .....	p. 17
4.1.5. Sessão de avaliação psicopedagógica 5 .....	p. 18
4.1.6. Sessão de avaliação psicopedagógica 6.....	p. 20
4.2. Sessões de Intervenção .....	p. 20
4.2.1. Sessão de intervenção psicopedagógica 1 .....	p. 20
4.2.2. Sessão de intervenção psicopedagógica 2 .....	p. 22
4.2.3. Sessão de intervenção psicopedagógica 3 .....	p. 23
5. Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica .....	p. 25
6. Considerações Finais .....	p. 28
7. Referências Bibliográficas.....	p. 30

## **1. Colocação do problema**

Em trabalho pedagógico realizado há oito anos com crianças e adolescentes de anos escolares diversos, educadores identificaram que alunos que apresentam Desordem no Processamento Auditivo Central – DPAC e Dislexia possuem em comum a desatenção.

Nesse tipo de trabalho, educadores particulares realizam trabalho de acompanhamento escolar, assim entendido o trabalho de revisão dos conteúdos demandados pela escola, respeitando a proposta pedagógica da instituição de ensino.

A didática e metodologia adequadas a cada aluno são definidas pelo educador e pelo psicopedagogo que o supervisiona.

Nas aulas particulares ministradas, observou-se que, no atendimento de aluno que apresentavam DPAC e Dislexia simultaneamente, o uso de intervenções pedagógicas especialmente dirigidas a cada uma delas, sem levar em conta que esse aluno apresenta maior dificuldade de concentração, mostrava-se ineficiente.

Ao aluno que possui Dislexia e DPAC simultaneamente, é preciso adotar estratégia pedagógica que considere a desatenção como variável importante para seu planejamento, cabendo ao psicopedagogo e ao educador sistematizá-las.

É oportuno destacar que as atividades desenvolvidas na presente pesquisa foram definidas e elaboradas no intuito de aprimorar o trabalho psicopedagógico, no que concerne à supervisão do educador atuante em aulas particulares, levando-se em conta as características da aluna, DPAC e Dislexia, bem como a relação singular que ela, como ser único que é, estabelece com o processo de aprendizagem e com o educador.

## **2. Fundamentação teórica**

### **2.1. Psicopedagogia**

Psicopedagogia é a área que trabalha o processo de ensino-aprendizagem do indivíduo, considerando seus padrões normais e patológicos, e a relação que esse indivíduo estabelece com o conteúdo de aprendizagem e as pessoas que fazem parte de seu ambiente – família, escola.

Para Neves (1992) falar sobre psicopedagogia é, necessariamente, falar sobre a articulação entre educação e psicologia, articulação essa que desafiam estudiosos e práticos dessas duas áreas.

Já a psicopedagogia para Scoz (1992) é “o processo de aprendizagem e suas dificuldades, e numa ação profissional deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os.”

Segundo Bossa (1994)

“o reconhecimento do caráter interdisciplinar significa admitir a sua especificidade enquanto área de estudos, uma vez que, buscando conhecimentos em outros campos, cria o seu próprio objeto, condição essencial da interdisciplinaridade. Ao admitir essa interseção, não nos resta alternativa senão abandonarmos a ideia de tratar a Psicopedagogia apenas como aplicação da Psicologia à Pedagogia, pois, ainda que se tratasse de recorrer apenas a estas duas disciplinas na solução da problemática que lhe deu origem – os problemas de aprendizagem – não seria como mera aplicação de uma à outra, mas sim na constituição de uma nova área que, recorrendo aos conhecimentos dessas duas, pensa o seu objeto de estudo a partir de um corpo teórico próprio, ou melhor, que busca se constituir.”(BOSSA, p. 6)

Como a aprendizagem varia evolutivamente e está relacionada a vários fatores – como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las. BOSSA (1994), define a psicopedagogia como uma área de estudo e prática do processo de aprendizagem, no qual o sujeito é estudado por outro sujeito, e que adquire características específicas a depender do trabalho clínico ou preventivo.

**trabalho clínico** – Faz-se no resultado da relação entre sujeito e sua história pessoal e sua característica de aprendizagem, buscando compreender a mensagem de outro sujeito, implícita ou não- aprender. No trabalho clínico, o psicopedagogo deverá compreender o que o sujeito aprende como aprende e por que, além de perceber a dimensão da relação entre psicopedagogo e sujeito de forma a favorecer a aprendizagem.

**trabalho preventivo** – É o trabalho realizado na instituição, enquanto espaço físico e psíquico da aprendizagem. Na instituição, serão avaliados os processos didático-metodológicos e a dinâmica institucional que interferem no processo de aprendizagem.

## **2.2. Processo de aprendizagem a partir da abordagem de Vygotsky**

A abordagem construtivista oferece duas contribuições básicas, o entendimento de que o sujeito é ativo, e a importância do contexto no processo ensino-aprendizagem. Sendo um sujeito ativo, ele dispõe de uma competência cognitiva que lhe permite ser construtor do seu próprio conhecimento; já a importância do contexto, na abordagem construtivista, refere-se à compreensão de que somente é possível promover os processos envolvidos na aprendizagem quando essa experiência é observada a partir de contextos específicos e significativos.

Para Vygotsky (1978/1991), o desenvolvimento humano se dá na relação das trocas entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação.

Vygotsky chama de mediação “a intervenção desses elementos que caracteriza a forma de ligação entre o ser humano e o mundo. Distingue dois elementos constituintes dessa mediação: os instrumentos e os signos.”

Pulino e Maciel (2009) distinguem bem esses dois conceitos.

“O ser humano criou e cria instrumentos materiais (ferramentas, máquinas) que fazem a mediação entre ele e o mundo e têm facilitado sua sobrevivência face aos perigos naturais primitivos e aos obstáculos de toda ordem que se lhe têm apresentado ao longo de sua existência. Além desses instrumentos materiais, o ser humano criou instrumentos psicológicos, os signos, que auxiliam no controle da atividade psicológica. Ao longo da evolução da espécie e do desenvolvimento do indivíduo, os signos passam de marcas externas a processos internos de mediação e se organizaram e têm se organizado no interior da cultura e no desenvolvimento da criança, como sistemas simbólicos.” (PULINO, p. 5)

A Mediação semiótica se desenvolve na relação entre o homem e o meio e os outros homens, que não se restringe na relação direta com os objetos, pessoas e situações que estejam presentes, mas em signos, representações.

O teórico considera que se deve levar em conta o desenvolvimento em dois níveis: o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O primeiro engloba as etapas já conquistadas pelo indivíduo e o segundo, à capacidade do indivíduo desempenhar tarefas com a ajuda de uma pessoa mais experiente.

Já a zona de desenvolvimento próxima é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial. Em outras palavras, é a distância entre o que o indivíduo é capaz de fazer sozinho e aquilo que ele faz com a ajuda dos outros. É nessa zona que a aprendizagem vai acontecer.

A função de um educador escolar, por exemplo, seria, então, a de favorecer esta aprendizagem, servindo de mediador entre a criança e o mundo.

“O conceito de zona de desenvolvimento proximal, cunhado por *Vygotsky* (2010), pressupõe o estabelecimento de relações de interdependência entre os sujeitos. Tais relações se constituem a partir de um ponto de vista prospectivo: partem daquilo que o sujeito na atualidade consegue realizar “com ajuda” de sujeitos mais experientes, até que esse processo de interação possa favorecer o surgimento mediado da zona de desenvolvimento real.” (Ribeiro, JCR., Mieto G. & Silva, DNH p.199)

Para o teórico, o desenvolvimento da zona de desenvolvimento proximal nos capacita a propor novas estratégias de mediação da aprendizagem, tornando-a significativa, o que propicia que o desenvolvimento avance.

Vygotsky (1978/1991) destaca a contribuição do brinquedo e da brincadeira de faz-de-conta para o desenvolvimento global. O brinquedo permite que a criança atue de forma mais avançada em relação ao seu nível de desenvolvimento real, porque ele cria uma zona de desenvolvimento proximal.

### **2.3. Processamento Auditivo Central**

Entender o Processamento Auditivo é fundamental para entender suas implicações quando há uma alteração no seu processo.

“Processamento Auditivo é a habilidade de ouvir, compreender e responder às informações que ouvimos por meio dos canais auditivos. Isso inclui a detecção do som pela orelha externa e a transmissão do som por meio das vias auditivas até o cérebro, ou seja, o processamento auditivo refere-se à eficiência e a eficácia com a qual o sistema nervoso central utiliza as informações auditivas.” (Oliveira AM & Cardoso ACV & Capellini AS, p. 513)

Dentre as principais causas da alteração no Processamento Auditivo Central, é comum a criança, em sua primeira infância, ter tido repetidas otites médias e fatores hereditários, entre eles: problemas no córtex ou no tronco cerebral; o primeiro causa efeito direto na função auditiva e o segundo interfere na transmissão do som; crises contínuas de febre alta, distúrbios específicos no desenvolvimento da função auditiva e privação de som durante a primeira infância.

O Processamento Auditivo Central engloba os mecanismos e processos realizados pelo sistema auditivo responsável pelos fenômenos comportamentais, tais como: localização sonora, discriminação sonora, reconhecimento auditivo, aspectos temporais da audição, desempenho auditivo com sinais acústicos em competição e desempenho auditivo em situações acústicas desfavoráveis. É a incapacidade em fazer uso total do sinal sonoro.

Discriminados seus mecanismos e processos, cabe frisar que todos eles são aplicáveis em estímulos verbais e não-verbais e podem afetar diferentes áreas, incluindo a fala e a linguagem.

Assim sendo, o Processamento Auditivo está diretamente relacionado com as funções de discriminação, memória e percepção auditiva, que são importantes na expressão e compreensão da palavra falada, na leitura e na escrita. Escolares com a desordem do processamento auditivo podem ter dificuldades na ortografia e leitura. Para Oliveira AM e cols. (2001) a desordem no Processamento Auditivo geralmente está associada a dificuldades de aprendizagem.

Segundo ASHA (1996), existe relação causal entre problemas de linguagem e alteração no processamento auditivo central, sobretudo em nível da compreensão da linguagem oral.

“Os escolares que apresentam alteração no processamento auditivo possuem um déficit da morfologia gramatical, um déficit metalingüístico e problemas na produção de /r/ e /l/. Diferentes alterações são observadas na escrita (inversão de letras, problemas de orientação esquerda/direita, disgrafias, dificuldades de compreender a leitura, dificuldades na alfabetização), sendo que no desempenho escolar geralmente são inferiores em leitura, gramática, ortografia e matemática.” (L. Kozlowski, G M. R. Wiemes, C. Magni & A. L. G. da Silva, p. 425.)

Já para Gillet, existem três processos auditivos importantes para a aprendizagem da leitura: a discriminação de fonemas isolados, a discriminação de fonemas dentro das palavras e o fechamento auditivo. Para ele também, a leitura é constituída por símbolos visuais superpostos à linguagem auditiva já adquirida, sendo que a alteração no processamento auditivo pode influenciar na aquisição da leitura.

Em idade escolar, os principais sintomas em crianças com o Processamento Auditivo Central alterado são: dificuldade de memorização das mensagens ouvidas, sintaxe simplificada e erros de concordância, demora em responder às perguntas, muitas vezes pede repetição do que foi dito, dificuldade em entender a fala na presença de ruído, dificuldade para ouvir em grupo, tempo de atenção reduzido, distrair-se facilmente, dificuldade em seguir ordens, parece ouvir, mas não entende, dificuldade para lembrar o que foi dito, dificuldade na discriminação e fala dos fonemas / L / e /R /; dificuldade de entender palavras com duplo sentido, inversões de letras, dificuldade



em compreender o que lê; hiperatividade; agitação; ficar muito quieto ou isolado, apresentar aversão à escrita, apresentar alterações na leitura, gramática e ortografia.

#### **2.4. Dislexia**

A Dislexia, dificuldade específica no aprendizado da leitura, de origem neurológica, cuja característica principal é rendimento escolar inferior ao esperado, tendo em conta a idade cronológica, o potencial do indivíduo e sua escolaridade.

##### **Para a ABD – Associação Brasileira de Dislexia**

A DISLEXIA, de causa genética e hereditária, é um transtorno onde o funcionamento cerebral depende da ativação integrada e simultânea de diversas redes neuronais para decodificar as informações, no caso, as letras do alfabeto. Quando isso não acontece adequadamente, há uma desordem no caminho das informações, dificultando o processo da decodificação das letras, o que pode, muitas vezes, acarretar o comprometimento da escrita. (retirado do *site*).

Os escolares com Dislexia apresentam alteração na discriminação dos sons e, por isso, a fusão rápida de estímulos encontra-se comprometida, resultando na dificuldade para organizar a seqüência dos sons na formação das palavras. Essa dificuldade não permite o acesso à formação da codificação fonológica.

Segundo Capellini et al (2010), o déficit fonológico presente na Dislexia interfere na aprendizagem da correspondência letra-som, necessária para a aquisição da leitura, como também apresentam dificuldades na percepção dos fonemas necessários para organizar as representações ortográficas de um sistema de escrita com base alfabética.

Em idade escolar, os sintomas mais comuns são: dificuldade na aquisição e automação da leitura e escrita; pobre conhecimento de rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras), desatenção e dispersão, dificuldade em copiar de livros e da lousa, dificuldade na coordenação motora fina (desenhos, pintura) e/ou grossa (ginástica, dança, etc.), desorganização geral, podemos citar os constantes atrasos na entrega de trabalhos escolares e perda de materiais escolares, confusão entre esquerda e direita, dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas, etc..., vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou sentenças longas e vagas, dificuldade na memória de curto prazo, como instruções, recados, etc..., dificuldades em decorar seqüências, como meses do ano, alfabeto, tabuada, etc..., dificuldade na matemática e desenho geométrico, dificuldade em nomear objetos e pessoas, troca de letras na

escrita, dificuldade na aprendizagem de uma segunda língua, problemas de conduta como: depressão, timidez excessiva ou o ‘palhaço’ da turma, bom desempenho em provas orais.

### **3. Método de intervenção**

#### **3.1. Metodologia Qualitativa**

Na perspectiva dialética, a metodologia qualitativa (González-Rey, 2005) utilizada na pesquisa pressupõe uma relação dinâmica entre o pesquisador e os participantes, e, desta forma, é rejeitada a neutralidade do pesquisador em relação ao ambiente e ao pesquisado. Não se consideram dados os elementos a serem investigados, mas indicadores empíricos. Trata-se de processo compreensivo-interpretativo que leva em conta a subjetividade na produção do conhecimento.

Ao definir quem foram os participantes da pesquisa, faz-se adequado apresentar a *Filhos*.

#### **3.2. A Filhos – Educação e Aulas**

Há oito anos, a Filhos – Educação e Aulas iniciou suas atividades, oferecendo aulas particulares em domicílio, no âmbito dos ensinos fundamental e médio.

Dirigida por profissional qualificada, é integrada por professores de diversas áreas de conhecimento, supervisionados por uma equipe pedagógica.

Atualmente, possui corpo docente de aproximadamente cem professores, que ministram aulas particulares na residência de centenas de alunas.

Busca, através de planejamento adequado, oferecer aulas direcionadas às dúvidas/dificuldades da aluna.

É importante esclarecer que, na sede da *Filhos*, num edifício em Brasília, trabalham somente funcionários. Os professores são orientados a distância (por telefone ou por vídeo conferência), por meio de um sistema administrativo que disponibiliza todas as informações.

Inicialmente, o professor deve identificar, nos primeiros contatos com a aluna e seus pais, são identificadas as dificuldades que ele apresenta nos estudos.

Através das informações obtidas na oportunidade e dos livros didáticos da aluna, são elaboradas aulas direcionadas às necessidades da aluna.

Desde sua abertura, a *Filhos* atende crianças e adolescentes que apresentam dificuldades de aprendizagem, destacando-se Dislexia, Transtorno de Déficit de Atenção e Descalculia, bem como DPAC.

A *Filhos* sempre ministrou aulas na residência do escolar, pois empresa procura realizar um trabalho ao mesmo tempo clínico e preventivo-institucional. Trabalha coma aluna no seu processo de aprender, orientando o professor, a família e a escola, para que compreendam a especificidade do processo ensino-aprendizagem da aluna.

Do ponto de vista da *Filhos*, esse trabalho permite reelaborar posturas, entendimentos e estratégias, por parte dos educadores, familiares e escolares.

A *Filhos* adota linha pedagógica que considera conhecimento como o processo de construção resultante da interação entre a aluna que busca conhecer/descobrir e aquilo que será conhecido/descoberto (conceito, idéias, definições).Ou seja, percebe a aluna como construtor do próprio conhecimento e o professor como mediador, orientador e incentivador desse processo.

Apresenta-se, abaixo, um detalhamento da atuação do Psicopedagogo da *Filhos* no contexto do reforço escolar:

- a. identificar as dificuldades da aluna;
- b. atuar não só no âmbito escolar, mas também na família (pais), esclarecendo sobre as diferentes etapas do desenvolvimento da aluna, para que os pais possam compreender e entender suas características evitando cobranças ou expectativas;
- c. conhecer a escola da aluna e sua proposta pedagógica;
- d. estabelecer contato com os especialistas que estão envolvidos no processo ensino-aprendizagem da aluna (fonoaudiólogos, psicólogos, neurologistas, entre outros);
- e. definir metodologia mais adequada para as aulas particulares;
- f. disponibilizar recursos didáticos para o professor;
- g. sistematizar orientações, disponibilizando-as para o professor, no ambiente administrativo do site da *Filhos*;
- h. supervisionar o trabalho do professor, reelaborando a sua prática quando necessário.

### **3.3. Participantes e instituição**

No estudo de caso desta pesquisa, a aluna selecionada, que estuda em escola particular, apresenta Dislexia e Alteração no Distúrbio do Processamento Auditivo Central. Essa aluna é atendida por dois professores particulares da *Filhos*, uma fonoaudióloga e uma psicopedagoga.

Os participantes da pesquisa foram os seguintes agentes do processo ensino-aprendizagem da aluna: a professora particular da *Filhos*, a aluna, os pais da aluna, a professora regular da

escola, a coordenadora da escola e os especialistas que atendem a aluna – fonoaudióloga e psicopedagoga.

Em uma das sessões da avaliação psicopedagógica analisou-se a escolha da escola da aluna, bem como da sua proposta pedagógica. Contudo, a escola não divulgou o projeto político pedagógico. Assim, a análise da escola foi realizada mediante as informações disponibilizadas pelo *site* e pelas informações dadas pela coordenadora do núcleo do ensino fundamental II.

### **3.4. Procedimentos adotados**

Foram realizadas seis sessões de entrevistas semi-estruturadas com os dois professores da *Filhos*, a coordenadora da escola, a professora da escola, a aluna, a fonoaudióloga, a psicopedagoga e os pais. A psicopedagoga, a fonoaudióloga e os pais foram entrevistados por telefone.

Após as entrevistas e a análise da instituição de ensino, foram elaboradas estratégias pedagógicas em conjunto com a professora particular.

Ressalta-se que, no primeiro momento, a pesquisadora forneceu à professora apenas algumas informações, para que formasse sua opinião a respeito das dificuldades da aluna sem ser influenciada pela opinião da pesquisadora.

## **4. A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica às sessões de intervenção**

### **4.1. Avaliação Psicopedagógica**

#### **4.1.1. Sessão de Avaliação Psicopedagógica 1: acolhimento telefônico da queixa dos pais, chamado pela *Filhos* de 1º contato – Data: 2/8/2011**

##### **Objetivo:**

Receber a queixa acadêmica dos pais ou responsáveis e definir expectativas.

##### **Procedimentos:**

Escuta e solicitação de esclarecimentos das queixas seguida de registro.

##### **Materiais:**

Telefone, caneta e papel.

##### **Resultados:**

A família apresenta um grau de ansiedade grande, em função do tardio diagnóstico da filha – aos 12 anos. Como não foram adotadas, desde o início de sua vida escolar, estratégias adequadas de ensino, a aluna apresentou muita dificuldade acadêmica, gerando um desgaste familiar. Após todos os exames foi realizado um diagnóstico de Dislexia em grau moderado e DPAC leve.

De acordo com a mãe, a aluna apresentava baixo rendimento escolar, principalmente nas disciplinas Português, História e Geografia. Ao ser questionada pela pesquisadora se a maior dificuldade da aluna em português era interpretar textos ou escrever o que entendeu, a mãe foi contundente: “ela não entende o que lê”. Diante da resposta da mãe, a pesquisadora buscou esclarecimentos e perguntou se a aluna conseguia escrever o que entendia. Em resposta, a mãe disse não ter certeza.

A narração das dificuldades da aluna motivou a pesquisadora a fazer perguntas concernentes a sintomas relacionados a essas dificuldades, tais como: “que trocas de letras que a aluna costuma fazer?”; “ela tem dificuldade em escrever em lugares barulhentos?”; “quais seus erros ortográficos mais comuns?”.

A pesquisadora perguntou se os especialistas haviam entregues sugestões por escrito, a respeito das metodologias e didáticas mais adequadas para a aluna. A mãe disse que sim e que enviaria para a pesquisadora, via *email*, os relatórios dos dois especialistas. Os laudos foram entregues.

#### **4.1.2. Sessão de Avaliação Psicopedagógica 2: 1ª aula com o professor particular orientado pela pesquisadora – Data: 18/08/2011**

##### **Objetivo:**

Obter a primeira impressão do professor em relação às dificuldades da aluna. Além disso, fazer exercícios para avaliar sua capacidade de interpretar e sintetizar textos. Nessa aula também foi ajustado o ambiente para as aulas particulares: escolha do melhor lugar da casa para as aulas e retirada de ventiladores, telefones e de todos os objetos que estavam na mesa, à exceção dos livros e cadernos da disciplina ministrada (Português).

##### **Procedimentos:**

Visita à casa da aluna e escolha do ambiente mais adequado às aulas; atividades de leitura, interpretação e síntese de textos.

##### **Materiais:**

Livros, cadernos e lápis.

##### **Resultados:**

A aluna apresentou leitura fluida. Apenas em palavras com os pares de grafemas /p/-/b/ e /t/-/d/ e ela, às vezes, não conseguia discriminá-los. Sua capacidade de síntese e de entender o que foi lido eram baixas.

Ao professor particular da *Filhos* foram passadas, pela pesquisadora, apenas algumas informações sobre a aluna, como idade, série e perfil, bem como o diagnóstico de DPAC e Dislexia.

Essas duas últimas informações foram apresentadas sem grandes detalhes, visto que a pesquisadora objetivava entender a aluna no contexto da aula particular, sem definir por antecipação o perfil de aprendizagem.

Durante a aula, o professor particular avaliou o ambiente em que eles iriam estudar que, pela sua avaliação, estava adequado. Tratava-se do escritório da casa, com uma mesa. Em cima, somente seus livros de português e cadernos. Não havia nada que distraísse a aluna.

O professor levou um pequeno texto, contendo poucos parágrafos. A aluna foi orientada a fazer leitura silenciosa, seguida de leitura em voz alta e, logo após, a destacar com caneta marca texto as informações mais importantes.

Em seguida, o texto foi discutido com a aluna, por partes, parágrafo por parágrafo, para, somente ao final, ser considerado em sua totalidade.

A voz tímida da aluna, no início da atividade, foi desaparecendo no decorrer da discussão. Mas, a discussão conduzida pelo professor particular foi difícil, pois a aluna, logo em suas primeiras tentativas de estruturar mentalmente o texto, desistia. Era, sempre, necessário reforço positivo do professor.

A última atividade realizada com a aluna foi síntese do texto discutido. Solicitou-se o registro do foi compreendido pela aluna. O professor não fez a correção dos erros ortográficos cometidos pela aluna. Limitou-se a ensinar estratégias para escrever as informações mais importantes.

#### **4.1.3. Sessão de Avaliação Psicopedagógica 3: entrevista com o professor regular da disciplina de português da escola em que a aluna estuda – Data: 9/9/2011**

##### **Objetivo:**

Saber como a aluna se relaciona com colegas e professores da escola, a partir do ponto de vista de um de seus professores.

##### **Procedimentos:**

Entrevista semiestruturada com o professor;

##### **Materiais:**

Caderno e caneta.



**Resultados:**

Segundo declaração feita pelo professor, a aluna tem demonstrado bom relacionamento com seus colegas e, também, com seus professores. É tímida, na maioria das vezes. Raramente questiona o professor sobre suas dúvidas. Quando questiona, o faz em particular, em tom baixo e sem fixar o olhar no professor.

O professor, que já havia tido acesso aos laudos da psicopedagoga e da fonoaudióloga, afirmou que não iria adequar sua didática, pois, em uma sala de quase 50 alunos, isso seria impraticável. Um atendimento personalizado comprometeria o ensino aos demais alunos.

**4.1.4. Sessão de Avaliação Psicopedagógica 4: entrevista com o Coordenador Pedagógico do Ensino Fundamental II da escola da aluna – Data: 5/9/2011****Objetivo:**

Conhecer a supervisão levada a efeito pela Coordenação Pedagógica, em relação ao ensino de alunos com dificuldades de aprendizagem em meio a outros que não as têm.

**Procedimentos:**

Entrevista semiestruturada com a Coordenadora.

**Materiais:**

Caderno e caneta.

**Resultados:**

A Coordenadora Pedagógica informou que a escola, ao receber alunos com laudos, não concede atendimento personalizado, tendo em vista tratar-se de estabelecimento de ensino de grande porte, com número de alunos superior a quatro mil somente nessa unidade, o que torna a prática inviável. A metodologia de ensino utilizada não foi elaborada para incluir alunos com dificuldades de aprendizagem. O que a escola se propõe é disponibilizar a esses alunos avaliações trimestrais em sala com menos alunos e com professor que possa ler e discutir com eles a prova.

#### **4.1.5. Sessão de Avaliação Psicopedagógica 5: entrevista com psicopedagoga da aluna – Data: 20/09**

##### **Objetivo:**

Obter informações e sugestões pedagógicas da psicopedagoga.

##### **Procedimentos:**

Entrevista semi-estruturada com a psicopedagoga.

##### **Materiais:**

Telefone, caderno e caneta.

##### **Resultados:**

A especialista demonstrou, desde o início, grande interesse em contribuir com a pesquisadora. Contou, com riqueza de detalhes, as circunstâncias em que a família a procurou. Esclareceu os motivos que impulsionaram a mãe a procurá-la: o baixo rendimento escolar em comparação com o volume de estudo da aluna.

Mesmo sem ter sido questionada, descreveu os cadernos da aluna como sendo organizados, caprichados e completos. Para a psicopedagoga, trata-se de mecanismo utilizado pela aluna para manter-se organizada com seus pertences acadêmicos.

Segundo a especialista, as respostas dadas pela aluna em provas escolares indicavam compreensão parcial dos enunciados, com comprometimento das respostas, bem como dificuldade em interpretação de tabelas, gráficos e escalas. Em perguntas que envolviam justificativas, correlações e explicações, ela também demonstrava dificuldade.

Acrescentou que a desatenção da aluna em respostas era causa de equívocos. Essa característica também estava presente em produções textuais em geral.

Após as considerações da psicopedagoga, a pesquisadora a questionou a respeito da leitura, escrita e interpretação de texto. As perguntas feitas na ocasião constituem o anexo 6 e a síntese das respostas é apresentada a seguir.

##### **a. Leitura**

###### **a.1. Leitura oral**

Aparentemente fluente, mas pouco eficiente. O reconto e a interpretação revelaram-se muito comprometidos.

### **a.2. Leitura silenciosa**

Um pouco mais eficiente que a anterior. No reconto e na interpretação, algumas informações foram incorretas e outras equivocadas ou deturpadas.

### **b. Escrita**

Acentuação deficitária. Cometeu trocas.

### **c. Produção de texto**

Ausência de título. Noção de estruturação. Tema central presente, porém pouco desenvolvido. Noção de coerência e coesão. Presença de conclusão.

### **d. Elaboração de resumo**

A aluna não consultou os textos que estavam a sua disposição, registrando assim, por vezes, informações impertinentes.

### **e. Localização de tema central**

Dificuldade em identificá-lo em artigos e notícias.

### **f. Compreensão de enunciados**

Ora apreendidos na íntegra, ora parcialmente, ora não compreendidos.

### **g. Interpretação de imagens**

Dificuldade em assimilar mensagens subliminares.

### **h. Sequência lógica**

Dificuldade na ordenação e, conseqüentemente, na narrativa de algumas histórias.

### **i. Raciocínio de análise e síntese**

Defasados.

**4.1.6. Sessão de Avaliação Psicopedagógica 6: entrevista com fonoaudiólogo da aluna**  
**– Data: 27/09/2011**

**Objetivo:**

Obter informações da psicopedagoga e sugestões pedagógicas.

**Procedimentos:**

Entrevista semiestruturada com a psicopedagoga.

**Materiais:**

Telefone, caderno e caneta.

**Resultados:**

Assim como a psicopedagoga, a fonoaudióloga contribuiu com informações úteis sobre o processo ensino-aprendizagem da aluna. A especialista informou que a alteração do Processamento Auditivo é de grau leve dos tipos decodificação e codificação.

A terapia fonoaudiológica da aluna enfatizava treinamento auditivo verbal, objetivando habilidade auditiva de consciência fonológica (análise-síntese) e treino de compreensão de linguagem em ambientes com ruído.

A fonoaudióloga, ao contrário da psicopedagoga, não ofereceu informações sobre o histórico de vida da aluna. Restringiu-se a sua avaliação técnica do seu trabalho.

A pesquisadora não seguiu seu roteiro, pois o tempo disponível da especialista era curto e definiu o que poderiam ser dito.

**4.2. A intervenção psicopedagógica**

**4.2.1. Sessão de intervenção psicopedagógica 1 – Data: 11/10/2011**

**Objetivo:**

Trabalhar a habilidade da aluna de interpretar e sintetizar textos, bem como de manter a atenção em atividades prolongadas.

**Materiais utilizados:**

Papel A4, cola, caneta, caderno.

**Procedimento:**

A intervenção psicopedagógica foi realizada pelo professor particular, com orientação da pesquisadora, que sistematizou a metodologia e as didáticas pertinentes ao objetivo da sessão.

O professor, inicialmente, apresentou para a aluna um texto repartido em partes, com introdução, desenvolvimento e conclusão separados. A atividade assemelhou-se à realizada por ele, por ocasião da avaliação psicopedagógica, 2ª Sessão. Foi solicitada à aluna leitura silenciosa do texto e, em seguida, em voz alta.

Em seguida, o texto foi discutido, primeiramente introdução, depois desenvolvimento e finalmente conclusão. Ao término dessa atividade, o professor solicitou à aluna o recorte das três partes do texto e a colagem de cada uma delas em uma cartolina, sendo duas brancas e uma amarela. Após a colagem, discutiu-se o conteúdo de cada colagem separadamente. O professor perguntou “qual a informação mais importante?”. Depois, solicitou “destaque com marca texto as palavras importantes”. Essa metodologia foi realizada com cada uma das partes.

Depois, o professor questionou sobre o texto. A aluna respondeu com suas palavras o que havia entendido. Quando faltavam informações relevantes, o professor a auxiliava, mas somente depois da tentativa da aluna. Foi solicitado à aluna que redigisse, em seu caderno, uma das partes do texto.

Durante a sessão, após a evidente fadiga da aluna, a atividade foi modificada. O professor e a aluna inverteram seus papéis. A aluna passou a perguntar sobre o texto e o professor a responder; porém as perguntas eram feitas por escrito.

**Resultados:**

A sessão foi realizada observando a capacidade da aluna de manter a atenção sobre as atividades, com o intuito de desenvolver a interpretação e síntese de textos.

A aluna obteve bom desempenho quando as atividades eram curtas e continham estímulos diferentes. Quando sua atenção declinava, o professor modificava a mediação, alterando os comandos, como também quem fazia as perguntas e quem as responderia.

Na redação da síntese do texto, cometeu alguns erros ortográficos ao utilizar os pares de grafemas /p/-/b/ e /t/-/d/.

#### **4.2.2. Sessão de intervenção psicopedagógica 2 – Data: 15/10/2011**

##### **Objetivo:**

Treino visual de trocas das consoantes /p/ e /b/ e /t/ e /d/.

##### **Materiais utilizados:**

Papel A4, papéis, jornal.

##### **Procedimento:**

Mais uma vez, a sessão psicopedagógica foi realizada pelo professor particular, com orientação da pesquisadora, que sistematizou a metodologia e as didáticas pertinentes ao objetivo da sessão.

Tendo em vista os erros ortográficos referidos na sessão anterior, solicitou-se à aluna a leitura de palavras impressas em folha A4 contendo, simultaneamente, os grafemas /p/-/b/ ou /t/-/d/. Por exemplo: O nome próprio **Pablo** e o substantivo simples **tempestade**.

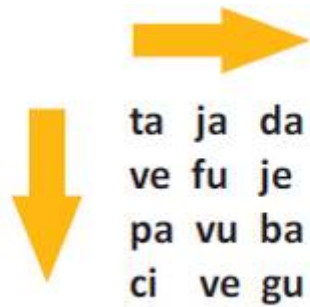
Em seguida, foi apresentada à aluna uma reportagem de jornal com as palavras citadas. Após leitura silenciosa, procedeu-se treino visual desses grafemas, juntamente com a vogal “a”, depois, com todas as demais vogais, com a utilização da figura 1.

A primeira sequência apresenta duas sílabas compostas pelos grafemas /t/ e /d/, seguidos pela vogal “a”. Na mesma linha, uma terceira sílaba composta por grafema diverso, /j/, também seguido pela vogal “a”.

A terceira sequência apresenta sílabas formadas com os grafemas /p/-/b/ e um grafema diverso, /v/. Aleatoriamente, foi escolhida a vogal “u”, para compor o último.

A aluna foi orientada a ler em VOZ ALTA a sequência horizontal e, em seguida, a vertical.

Figura 1.



Logo após, o professor solicitou que fossem escritas palavras que contivessem as sílabas da primeira e da terceira sequência da horizontal.

A dinâmica da aula observou a necessidade de que a duração das atividades fosse curta e de alternância de comandos.

#### **Resultados:**

Na leitura das sequências, a aluna apresentou ótimo desempenho na discriminação dos grafemas /p/-/b/ e /t/-/d/, em função de poder recorrer ao aspecto visual do grafema para evocar o som correspondente.

Na atividade dedicada à escrita de palavras com os grafemas mencionados, a dificuldade da aluna foi evidente. Foi necessário que o professor ajudasse, fornecendo “pistas”.

#### **4.2.3. Sessão de Intervenção psicopedagógica 3 – Data: 1/11/2011**

##### **Objetivo:**

Oferecer devolutiva de atendimento e orientação aos pais. Esclarecer aos pais da aluna as desvantagens da escola para alunos com dificuldade de aprendizagem e disponibilizar meios eficientes de ensino.

##### **Materiais Utilizados:**

Atendimento pessoal na sala da pesquisadora.

**Procedimento:**

A 3ª sessão de intervenção foi realizada pela pesquisadora, sem a participação do professor particular.

Apesar de a pesquisadora ter ressaltado a importância da presença de ambos os pais, somente a mãe compareceu à reunião marcada pela pesquisadora. Conversou-se sobre as entrevistas com o professor da escola, com Coordenadora Pedagógica e com os especialistas que atendem a aluna, como também sobre as percepções do professor particular.

A pesquisadora manifestou o entendimento de que a escola não era a mais adequada para a aluna. Sugeriu a mudança para escola menor e com proposta pedagógica diferenciada. Indicou duas escolas próximas a residência da aluna.

No que concerne às aulas particulares, detalhou as atividades realizadas, as dificuldades e facilidades da aluna sob a ótica do professor, o melhor local da casa para as aulas particulares e as atividades mais adequadas.

Outro ponto abordado foi a desatenção da aluna no desenvolvimento das atividades, sintoma usual em se tratando de DPAC e Dislexia. A pesquisadora esclareceu que a desatenção provocava não observância de detalhes, dificuldade em seguir instruções até o fim e relutância em realizar tarefas que exigissem esforço mental por tempo prolongado, tais como estudo e leitura.

Recomendou permanecer apenas com terapia fonoaudiológica. Todo suporte de que a aluna necessitava seria dado pelas aulas particulares, com orientação psicopedagógica.

**Resultados:**

A mãe, aparentemente frustrada com a escola escolhida, disse que, no ano letivo seguinte, mudaria de escola. As sugestões das duas escolas foram aceitas. As conclusões da pesquisadora sobre o término do trabalho da psicopedagoga foram aceitas de imediato, sem restrições, já que as aulas particulares já têm orientação psicopedagógica.

No que se refere às características da aluna no seu processo ensino-aprendizagem, a mãe ficou atenta a todas as informações, anotando-as em sua agenda e solicitando sugestões de como, em casa, ela poderia ajudar.



## **5. Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica**

A aluna é estudante do Ensino Fundamental II, de escola particular, 7º ano, e apresenta dificuldades na interpretação e síntese de textos. Tem aulas em sua casa, há seis meses com professores particulares da empresa Filhos – Educação e Aulas.

A estudante é disléxica e possui alteração no Processamento Auditivo Central

No presente estudo de caso, a pesquisadora, em sua intervenção psicopedagógica considerou relevante o fato de o formato das aulas particulares ser domiciliar, visto que as intervenções realizadas com a aluna não seriam feitas diretamente por ela, e sim pelo professor particular.

Foram examinadas, em cada uma das sessões de avaliação, a desatenção da aluna na execução de atividades; a interferência desta característica em seus resultados; e como a aluna lidava, em consequência dessa característica, com seus erros e dificuldades.

Na primeira sessão de intervenção, elaboraram-se atividades para desenvolver a interpretação e síntese de textos. Os textos e palavras escolhidas foram coerentes com a realidade da aluna e, também, com o conceito vygotskyano de aprendizagem.

Tendo em vista o conceito da zona de desenvolvimento proximal proposto por Vygotsky, a pesquisadora orientou o professor a adotar novas estratégias para mediar o processo de construção do conhecimento da aluna, tornando a aprendizagem significativa.

A escolha das atividades desenvolvidas em aula foi influenciada pela manutenção reduzida da atenção da aluna nas atividades. Essa metodologia foi definida de forma empírica, a partir do trabalho realizado pelos professores da *Filhos* com alunos que apresentavam, simultaneamente, alteração no Processamento Auditivo Central e Dislexia.

Assim, as atividades mais adequadas para a aluna, independentemente do objetivo do processo de ensino-aprendizagem, deveriam ser curtas e conter estímulos diferentes. Quando sua atenção declinava, o professor modificava a mediação, alterando os comandos, como também quem faria as perguntas e quem as responderia. Essa metodologia foi elaborada de forma lúdica, como Vygotsky, (1978/1991) propõe.

Segundo o teórico, a brincadeira desenvolvida pela criança ou adolescente possibilita o desenvolvimento da sua criatividade. Acrescenta que o brinquedo ou o faz-de-conta subordina a criança a regras, controlando seu comportamento impulsivo.

A inversão dos papéis é como um jogo de faz-de-conta, que permite que a adolescente, ao brincar de ser professora, tenha um espaço para pedir informações e conhecer as respostas da educadora.

Na segunda sessão, foi desenvolvida atividade de síntese de texto com correção de seus erros ortográficos.

A aluna, por ser disléxica, possui déficit fonológico que interfere na aprendizagem da correspondência letra-som, necessária para a aquisição da leitura. Os disléxicos apresentam dificuldades na percepção dos fonemas necessários para organizar as representações ortográficas de um sistema de escrita com base alfabética.

Portanto, as atividades realizadas inspiraram-se nos programas de remediação fonológica brasileira. Esses programas baseiam-se em atividades fonêmicas, silábicas e suprafonêmicas (rima e aliteração), que têm como objetivo desenvolver habilidades referentes ao processamento fonológico relacionado com a leitura e a compreensão textual (velocidade de acesso ao léxico, nomeação e consciência fonológica).

As atividades presentes nos programas de remediação fonológica incluem o seguinte esquema: estrutura silábica da palavra (análise e síntese); identificação de sílabas; identificação de fonemas; comparação de sílabas; comparação de fonemas; recombinação silábica (segmentação e manipulação); recombinação fonêmica (segmentação e manipulação) e identificação de sons e sílabas por rima e aliteração.

Porém, na presente pesquisa, a intervenção psicopedagógica limitou-se a propor atividades para desenvolver a consciência fonológica de identificação e de comparação de sílabas contendo os seguintes pares de grafemas /p/-/b/ e /t/-/d/.

Na atividade dedicada à escrita de palavras com os grafemas mencionados, a dificuldade da aluna foi evidente. O professor precisou ajudá-la, fornecendo “pistas”. Essas pistas, para o teórico, são ações de mediação criadas na zona de desenvolvimento proximal para facilitar que o conhecimento ocorra.

Contudo, recomenda-se, em função do desenvolvimento da plasticidade auditiva da aluna, a continuidade desse trabalho. Apenas com estimulação intensa é possível que ocorra a plasticidade necessária à construção de sua consciência fonológica.

Por se tratar de trabalho clínico-institucional, a pesquisadora, na última intervenção, sugeriu mudanças nos âmbitos escolares e domiciliares da aluna, indicando outra escola e adaptações na residência, de tal sorte que as aulas pudessem ser ministradas com maior qualidade.

## **6. Considerações Finais**

### **6.1. Introdução**

O presente trabalho objetivou desenvolver e aplicar metodologia adequada ao processo de ensino-aprendizagem de aluna que apresentava Desordem no Processamento Auditivo Central – DPAC e Dislexia, em aulas particulares ministradas em sua residência.

A adolescente objeto deste estudo de caso era aluna da *Filhos*, empresa de reforço escolar, atuante em Brasília. A metodologia utilizada foi aplicada pelo professor particular e supervisionada pela psicopedagoga da empresa *Filhos – Educação e Aulas*, que desenvolveu esta pesquisa-intervenção.

Nas aulas particulares ministradas pela *Filhos*, percebeu-se que, em alunos com Dislexia e DPAC simultaneamente, a desatenção era característica de comportamento comum. Assim, adotou-se estratégia pedagógica que considera importante essa variável, para o desenvolvimento das aulas.

A *Filhos*, por se tratar de um trabalho clínico preventivo-institucional, permeia as relações estabelecidas entre aluno, escola, família e especialistas. A partir dessa consideração, as sessões de avaliação psicopedagógica foram realizadas com o professor particular da *Filhos*, a aluna, os pais da aluna, a professora regular da escola, a coordenadora da escola e os especialistas que atendem a aluna – fonoaudióloga e psicopedagoga –, para uma avaliação completa.

Nas intervenções psicopedagógicas desenvolvidas aqui, elaboraram-se métodos capazes de captar os processos de mediação constitutivos do desenvolvimento, especificamente no contexto de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

Para a *Filhos*, em consonância com o entendimento do teórico Vygotsky, o processo de desenvolvimento da aprendizagem se dá com mediação do outro, através da zona de desenvolvimento proximal.

É oportuno destacar que as atividades desenvolvidas na presente pesquisa foram definidas e elaboradas no intuito de aprimorar o trabalho psicopedagógico, no que concerne à supervisão do educador atuante em aulas particulares, levando-se em conta as características da aluna, DPAC e Dislexia, bem como a relação singular que ela, como ser único que é, estabelece com o processo de aprendizagem e com o educador.

O estágio nessa área possibilitou à pesquisadora ampliar suas estratégias psicopedagógicas, no que concerne à supervisão ao processo de ensino-aprendizagem desenvolvido por professores particulares com alunos com Dislexia e DPAC, simultaneamente.

## **6.2. Resumo das principais contribuições**

O presente trabalho evidenciou, em aulas particulares, a desatenção como sintoma comum em alunos que apresentam Dislexia, DPAC ou ambas simultaneamente.

Sendo assim, o planejamento das aulas na *Filhos*, passou a dar especial relevância a essa característica.

## **6.3. Recomendações para futuros estudos**

Concluiu-se, a partir da prática das aulas ministradas há oito anos pelos professores particulares da *Filhos*, que a desatenção é a característica comum em alunos que apresentam Dislexia, DPAC ou ambas simultaneamente e que as aulas com esses alunos deve consistir de estratégias que trabalhem ambos os problemas.

Os resultados obtidos nas intervenções psicopedagógicas da aluna, objeto do estudo de caso, sugeriram que aulas particulares com atividades curtas, mediadas pela professora, com recursos variados, contextualizados à especificidade das experiências e interesses da aluna, geram melhores resultados.

Para isso, os professores particulares deverão ser supervisionados por profissional qualificado que domine as técnicas de mediação psicopedagógicas mais adequadas para alunos que apresentam Dislexia, DPAC ou ambas as características.

## 7. Referências Bibliográficas

Bossa, N. A. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

González-Rey, F. (2005) *Pesquisa Qualitativa e subjetividade*: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Kozłowski, L., Wiemes, G. M. R., Magni, C., Silva, A. L. G. (2004, Mai-Jun, Parte 3). A Afetividade do treinamento auditivo central: estudo de caso. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, p. 427-432.

Maciel, D. A. e Barbato, S. (2010) *Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Oliveira, A. M., Cardoso, A. C. V., Capellini, S. A. (2011, Mai-Jun 13). Desempenho de Escolares com Distúrbio de aprendizagem e Dislexia em testes de processamento auditivo. *Revista CEFAC*, p. 513-521.

Pulino, L. H. C. Z e Maciel (2009) *A Psicologia e a Construção do conhecimento*. Brasília: LGE/UnB.

Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (4. ed., J.Cipolla Neto, L. S. Menna Barreto, & S. C. Afeche, Trans.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1978).